

Editorial

Vozes e Lugares desde Abya Yala

Voces y lugares desde Abya Yala

Voices and places from Abya Yala

Ana Lúcia Tettamanzy

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

atettamanzy@terra.com.br

ORCID: 0000-0001-7811-2190

Citar como: Tettamanzy, A. L. (2024). Voces y lugares desde Abya Yala. *Desde el Sur*, 16(1), 0001

A palavra tem peso e poder. Nas culturas e sociedades tradicionais, não se usa a palavra em vão, posto que ela, como emanção do sagrado, tanto pode curar como criar o caos. Com a transposição de sua oralidade para a escrita em obras como *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *A vida não é útil* (2020), Ailton Krenak, um dos mais importantes líderes e pensadores indígenas no Brasil, tem empregado sua voz para alertar o adoecimento humano causado pela separação da natureza e das outras humanidades com que partilha o corpo da Terra. Ele sugere que apenas uma humanidade que cante, dance, conte uma história e se oriente pelo sonho seria capaz de, para além do utilitarismo e do consumismo, recuperar a conexão cósmica entre todas as formas de vida.

O dossiê «Vozes e lugares desde Abya Yala» propôs a valorização de saberes e epistemologias que, entre voz e letra, se apresentam como pertencentes a Abya Yala, lugar de frutos maduros que ensina principalmente gentes das cidades a se reconectar com o coração da Terra. Atenderam a este convite da revista *Desde el Sur* sete escritas de autores de universidades do Brasil, do Equador, dos Estados Unidos, da Argentina, da Venezuela e do Peru. Em cada uma delas, a reflexão sobre as vozes desde e de Abya Yala aparecem como temática central.

No primeiro artigo deste número, Edgar Kirchof e Jucimara Braga Alves apresentam uma análise da obra do artista indígena Denilson Baniwa colocando o foco no modo como são representadas as cosmogonias indígenas do Norte do Brasil. O referencial teórico está baseado nos estudos pós-coloniais e em estudos antropológicos sobre as culturas dos povos indígenas brasileiros, especialmente os estudos voltados para as histórias

de criação do universo. Os autores concluem que a obra de Denilson Baniwa «produz um discurso imagético capaz de (re)significar várias representações estereotipadas que os ocidentais produziram, ao longo do tempo, sobre as manifestações religiosas dos povos indígenas», de maneira que a arte de Baniwa «mostra a sabedoria e o conhecimento indígena presentes nas cosmogonias e narrativas de seu povo».

No trabalho de Elis Guedes de Souza é colocado em foco o protagonismo e a contribuição da escritora indígena Eliane Potiguara para a Literatura Indígena de autoria feminina no Brasil. Através de uma pesquisa bibliográfica sobre a trajetória da escritora e de outras vozes indígenas que ressaltam sua importância e também da análise de alguns fragmentos de poemas do seu livro *Metade Cara, Metade Máscara* (2018), o artigo resalta que a voz de Eliane Potiguara é «de um lugar específico ou melhor, um entre-lugares, como mulher e indígena que precisou se reinventar muitas vezes». Sendo assim, Eliane Potiguara inaugura o movimento de escrita de autoria feminina indígena no país.

No trânsito desde a Amazônia até o espaço andino, Matías Di Benedetto se volta à clássica obra de César Calvo, *Las tres mitades de Ino Moxo* (1981), para analisar as representações sobre os curandeiros da região amazônica do Peru. No texto, o autor reflete sobre as temáticas que aparecem na obra sobre a ingestão de ayahuasca, os estados de trânsito após o ritual e a própria ideia de doença e saúde desde o discurso médico.

No espaço andino, Victor Chahuayo, Wilian Barbaran e Wilmer Burga avaliam as wankas, um conjunto de cantos dedicados à coleta do milho, uma prática ancestral andina. O trabalho educativo foi realizado na escola Guillermo Villadegut, da comunidade camponesa São Sebastião de Curasco (Apurímac, Peru), onde os estudantes fizeram entrevistas com as mulheres sábias da comunidade. O artigo permite observar a importância da escola como reprodutor dos saberes locais na língua quíchua, e permite fortalecer a identidade linguística dos estudantes, de forma que eles se convertam em atores-chave na construção e na aprendizagem dos saberes comunitários nas *wankas*.

Desde o Equador, Fanny Tubay Zambrano e María Teresa Arteaga abordam os saberes médicos ancestrais e as práticas profissionais dos

membros da União Campesina do Azuy (UNASAY-E) nesse país. Ao reconhecer a presença da cosmovisão andina, é possível pensar nas relações entre a natureza e as formas de cuidar o corpo e o espírito. As autoras reconhecem a importância de construir os conhecimentos sobre saúde intercultural como um processo constante que deve ser realizado com equidade, inclusão, justiça social e justiça cognitiva.

No caso mexicano, Ariadna Tenorio apresenta as diversas formas nas quais a negritude mexicana foi aparecendo na literatura científica dos Estados Unidos, considerando a relevância mundial e hegemônica dela. A autora ressalta a importância que tem o lugar de fala (*locus* de enunciação) hegemônico que privilegia a experiência do «primeiro mundo» e torna difícil a apreensão da vivência dos afroamericanos.

Finalmente, desde a Venezuela, Vanessa Márquez reflete sobre as vantagens da escrita criativa como meio para contar vivências e explorar emoções. O exercício foi desenvolvido numa oficina de escrita, nomeada «Taller inicial de escritura creativa», com fins terapêuticos. O ensaio reflete sobre as diversas formas através das quais a oficina teve efeitos terapêuticos nos participantes e sobre o impacto da experiência autoetnográfica da autora. Ao brindar um espaço onde o sensitivo seja reconhecido, a escrita criativa permite a participação de uma multiplicidade de vozes e perspectivas.

Como se pode constatar, os textos desta edição da revista *Desde el Sur* aprofundam reflexões e afetações desde Abya Yala, de onde emergem mundos múltiplos —os pluriversos, partilhados por seres visíveis e invisíveis, línguas, corpos e subjetividades que não se renderam ao modelo nortecêntrico, as mulheres camponesas e suas ciências, as práticas e escritas de cura a partir de saberes comunitários e ancestrais, as artes e poéticas resistentes e insurgentes de indígenas e negras. Que a leitura contribua para a construções desses projetos de mundo onde cabem vários mundos, sobretudo os que a invasão colonial tentou silenciar e apagar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. (2.ª ed.). Editora Companhia das Letras.

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil: ideias para salvar a humanidade*. Objetiva.

Recepción: 26/1/2024

Aceptación: 30/1/2024